

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O LATIM VULGAR NA *VULGATA* DE JERÔNIMO

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de bacharel em Letras, área de concentração Estudos Lingüísticos, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Curitiba

2008

MARINA CHIARA LEGROSKI

O LATIM VULGAR NA *VULGATA* DE JERÔNIMO

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de bacharel em Letras, área de concentração Estudos Lingüísticos, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Curitiba

2008

Agradecimentos

Não posso entregar esse trabalho ganhando todos os méritos (e as críticas, ai...) sem reconhecer o esforço de outras pessoas para que ele fosse realizado. Em primeiro lugar, preciso agradecer ao Prof. Rodrigo, que gentilmente aceitou a árdua empreitada de me orientar, numa área que não era a dele, mesmo que tenha me dado uma nota medíocre na primeira orientação. Ainda há tempo de se desculpar, professor.

Em seguida, ao Prof. Caetano, que tão prontamente respondeu à minha solicitação de ajuda e que, ao que parece, acreditou na realização desse trabalho mais do que eu. Ele deu sugestões que foram passivamente acatadas e cedeu seu tempo para ajudar uma aluna em um trabalho que não era exatamente a área dele. (Aliás, qual é a área dele é um mistério...) Evidentemente, não sem o ônus de recebê-lo 3 dias antes da defesa. Muito obrigada.

Em terceiro mas não menos importante, agradeço ao Álvaro que se dispôs a traduzir as passagens em inglês do trabalho, não porque eu não fosse capaz, mas porque assim ele ganharia um parágrafo nos agradecimentos. Ele também me mandou a citação do Lutero e a traduziu. Além disso, não teve seu nome citado nos lugares onde deveria, então, terceiro lugar pra ele!

Além disso, agradecimentos especiais pra Livy, que sempre se dispôs a ajudar. Mesmo que eu não tenha pedido muita ajuda dessa vez. Dessa vez...

Agradeço também à minha mãe, que colaborou com uma palavra aí no texto e, mais que isso, aos meus pais que financiaram meus estudos até o dia de entregar essa monografia, o meu mais sincero agradecimento.

Enfim, como não poderia deixar de ser, agradecer ao rapaz que esteve dividindo comigo elásticos de cabelo e vidros de shampoo Seda e que agora vai dividir a casa, e mais que isso, que dividiu os momentos de angústia e pacificou meus ânimos por, deixe me ver, trezentas e quarenta e duas vezes, só essa semana. E que, como não poderia deixar de mencionar, é o ganhador de um prêmio nacional de pesquisa, o que o torna qualificado para ler e avaliar meu trabalho e... Tiago, volta aqui...

E, por último mas não menos importante, agradecer ao Jerônimo, que fez o que pôde para que eu comprovasse a minha hipótese. Menção honrosa pro santo!

Sumário

Introdução	3
Capítulo 1 – O Latim Vulgar	5
1.1 Características do latim vulgar	8
Capítulo 2 – Jerônimo: sua teoria tradutória e a Vulgata	12
2.1 Jerônimo	12
2.2 Teoria da tradução	14
2.2.1 A epístola a Pamáquio	15
2.3 O uso lingüístico inovador	18
Capítulo 3 – Tradução e análise	20
3.1 Síncope do morfema do perfeito	20
3.2 Uso de preposições	21
3.3 Mudança da ordem canônica da frase	23
3.4 Outras mudanças sintáticas	24
3.5.1 <i>Negação</i>	24
3.5.2 <i>Adjetivos comparativos e superlativos</i>	25
Considerações finais	27
Bibliografia consultada	28
Anexos	29

Introdução

Em seu livro “Pequena História da Lingüística”, Robins escreve:

Com o decorrer do tempo, os diversos usos do latim se diferenciavam cada vez mais do uso clássico da língua. Isto pode ser observado quando se compara a gramática e estilo da tradução da Bíblia (a Vulgata) feita por S. Jerônimo no século IV, texto em que se antecipam diversas características das línguas românicas, com o latim preservado e descrito pelos gramáticos.¹

Essa afirmação serviu de mote para esse trabalho, uma vez que é de particular interesse o fato de que a Vulgata tenha sido traduzida por um estudioso, de formação clássica, mas que mesmo assim se chame “vulgata”, em decorrência do registro mais popular em que foi escrita.

De fato, o registro que Jerônimo utiliza não é o mesmo latim utilizado por Cícero; entretanto não se sabe em que medida o latim que aparece ali é o latim vulgar. Dessa forma, esse trabalho destina-se a investigar os usos lingüísticos que transpareceram em dois capítulos da Vulgata: o terceiro capítulo do livro do Gênesis e o décimo segundo capítulo do Evangelho de São João. São dois trechos escolhidos aleatoriamente, de forma a não privilegiar trechos que possuíssem mais exemplares que outros. A partir da tradução desses dois trechos, pretendo olhar mais de perto para as construções e usos lingüísticos efetuados por Jerônimo e investigar, com isso, se as estruturas coincidem com as do latim vulgar ou não.

Para apreender as características do latim vulgar, utilizei uma bibliografia bastante heterogênea, que compreende desde textos específicos sobre essa variedade a textos sobre sociolingüística e fonologia do latim. Além disso, as consultas sobre a vida de Jerônimo foram feitas em revistas católicas e na internet. Menciono isso para mostrar a dificuldade em encontrar uma bibliografia específica sobre o assunto, embora tenha sido relativamente simples o trabalho de juntar essas informações para que confluem para um fim comum.

No primeiro capítulo, discorro a respeito da terminologia “latim vulgar” e faço considerações a respeito das variedades lingüísticas e as causas que podem determinar essa variação. Além disso, discuto a questão da coexistência de diversas variedades ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

No segundo capítulo, aprofundo um pouco a discussão sobre o projeto tradutório de Jerônimo, sua formação intelectual e o famoso sonho, que fez com que ele mudasse a orientação do seu trabalho. Para isso, utilizo a Epístola a Pamáquio, célebre carta de

¹ ROBINS, R.H., *Pequena história da lingüística*. p.43.

Jerônimo, dirigida a um de seus colegas, defendendo o seu trabalho e explicando os tipos de escolha que teria realizado durante a execução dessa tarefa.

No terceiro capítulo, por fim, apresento os resultados das análises, confrontando as características reconhecidas do latim vulgar com os exemplares que aparecem nos trechos traduzidos. Além disso, faço um confronto entre o trecho do Gênesis, que aparentemente utiliza um latim mais clássico, com os trechos do Evangelho, que aparentemente apresenta um latim mais vulgar.

A tradução que fiz para esse trabalho é bastante rudimentar e serviu unicamente para que eu entrasse em contato mais de perto com o texto original. Portanto, ela está apresentada anexada ao trabalho.

Ao final, espero que esse trabalho possa colaborar para uma investigação histórica e que seja o primeiro de vários dentro da lingüística histórica, uma área que julgo bastante intrigante e prolífica.

Capítulo 1 – O Latim Vulgar

A designação “latim vulgar” foi estabelecida por Friedrich Diez² certamente para opor a língua utilizada pelos romanos àquela utilizada na escrita, ou seja, o “latim literário”. Evidentemente, acreditar que havia apenas duas variedades e chamar de “vulgar” tudo aquilo que não era a língua escrita seria uma reduzir a nada a diversidade e a riqueza daquela língua.

Carlos Alberto Faraco, em seu livro *Linguística histórica*, provoca algumas reflexões importantes de serem feitas na introdução desse estudo. Primeiramente, é necessário “acostumar-se a olhar a língua como uma realidade heterogênea, buscando compreender as bases dessa heterogeneidade (...), porque é de tal heterogeneidade que emerge a mudança”³ e, em seguida, que é necessário “aprender a lidar com a realidade heterogênea das línguas”.⁴

Tais questões nos levam a refletir sobre a necessidade de nos desvincularmos de preconceitos quando vamos tratar de questões linguísticas (e evidentemente esse é o ponto para o autor) mas, mais que isso, da necessidade de olhar para qualquer língua como formada por diversas variedades. Dessa forma, é impossível pensar que qualquer língua seja um objeto uniforme e mesmo que seja composta de algumas variáveis também homogêneas. Para estudar uma língua, é necessário ter em mente que o que se analisa são aspectos muito pequenos de variedades muito heterogêneas, simplificadas apenas para propósitos didáticos (obviamente porque não podemos relativizar tanto e pensar que é impossível dar conta de qualquer fenômeno apenas por ele ser heterogêneo demais).

Pelo conhecimento trazido a nós pela sociolinguística, sabemos que todas as línguas possuem variações internas, tanto verticais (de estratos sociais, porque a língua varia socialmente; sabemos que a língua que utilizamos para falar com pessoas do mesmo nível social, de níveis inferiores e superiores não é a mesma) quanto horizontais (de localização geográfica e, de fato, sabemos que a língua que utilizamos em uma determinada região possui diferenças entre as utilizadas em outras regiões, por vezes nem tão distantes⁵).

Aplicando esses conceitos para entender o que acontecia nas terras onde se falava o latim, certamente encontraremos esses fatores como causa de diversas variações. Assim, é

² DIEZ, F. *Grammatik der romanischen Sprachen*. 1870.

³ FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. pp. 30-31.

⁴ *Ibidem*, p.31.

⁵ Utilizo aqui a discussão realizada em Faraco (2005).

preciso dizer que o latim, como uma língua natural, foi sujeito a variações das mais diversas, da mesma forma que as línguas faladas modernamente o são.

Dessa forma, existem discussões muito interessantes a respeito do conceito de “latim vulgar” e principalmente de que forma se dá a sua oposição ao “latim clássico”. As formas a que temos acesso ao latim clássico são formas escritas, e é necessário observar que, em qualquer língua, a forma utilizada na escrita é bastante diferente da fala. Considerando que “a única espécie de língua que realmente existe é a falada”⁶, não se pode olhar para textos escritos como exemplares de latim vulgar, porque sabemos que a realização escrita segue regras diferentes das da fala, embora se tratem da mesma coisa. Evidentemente, é o que as duas realizações têm em comum que nos interessa.

Por outro lado, não podemos ignorar que, dado o fato que o Latim é uma língua morta, evidentemente os registros do “vulgar” que chegaram até nós também são escritos. O impasse se resolve se pensarmos que os contextos seriam menos formais que os dos textos literários, ou seja, grafites encontrados em paredes de Pompéia ou mesmo manuscritos famosos, como o *Appendix Probi* não são textos literários mesmo que tenham sido escritos, ou seja, seu contexto informal de produção permite uma liberdade lingüística que não existia nos textos clássicos.

Serafim da Silva Neto⁷, citando Grandgent – estudioso do latim vulgar de Oxford –, afirma que o latim vulgar deve ser entendido “como o substrato das línguas românicas e definir-se como a língua das classes médias da população”. Ou seja, não é o latim das pessoas mais humildes, mas o da camada mediana, que possuía acesso à escrita, supõe-se, e que convivia com estratos sociais mais e menos abastados.

Além disso, há que se notar um certo controle por parte dos gramáticos romanos, que repreendiam muitos dos vulgarismos que permeavam a língua culta da época. Como dito anteriormente, a língua falada pelas pessoas consideradas mais cultas não era necessariamente a língua dos textos clássicos. Por isso, Grandgent estabelece uma divisão do latim em pelo menos 4 níveis diferentes:

- 1) o latim culto, literário; a *urbanitas*
- 2) o latim dos bairros pobres e as gírias,
- 3) o latim *vulgar*, isto é, língua da classe **média**, substrato das atuais línguas românicas

⁶ SILVA NETO, Serafim da . (1977) *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. p. 16.

⁷ Ibidem, p. 13.

4) o latim dos campos.

Silva Neto, entretanto, afirma que essa divisão é insuficiente. Mesmo assim, o que podemos depreender dela é que, de fato, não podemos pensar em uma língua uniforme, comum a todas as camadas da população. E, além disso, também não podemos imaginar que o que se convencionou chamar de “latim vulgar” seja uma variante uniforme, principalmente se levarmos em conta a quantidade de territórios e de séculos de dominação romana na Europa.

Bassetto (2005) propõe uma outra divisão. Para ele, o latim falado em Roma a partir do século III a.C. distingue 3 normas:

- a) O *sermo classicus ou literarius*: burilado, artístico, sintético, só escrito, que atingiu o ápice estilístico no período áureo da literatura latina entre 81 a.C e 14 d.C., tanto na prosa com Cícero, César e Salústio, como no verso com Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucrécio e Catulo. É uma estilização do *sermo urbanus*.
- b) O *sermo urbanus*: a língua falada pelas classes cultas de Roma, certamente correto do ponto de vista gramatical, mas sem os refinamentos e a estilização da variedade literária, denominada *vulgaris* por Cícero. Os falantes dessa norma eram os principais detentores da norma literária.
- c) O *sermo plebeius*: essencialmente falado, era a norma da grande massa popular menos favorecida, analfabeta. Foi metodicamente ignorada pelos gramáticos e escritores romanos, mas era viva e real; apresenta variantes sobretudo no léxico, segundo o modo de vida dos falantes, distinguindo-se o *sermo rusticus*, o *castrensis* e o *peregrinus*.⁸

Contudo, podemos observar que a variedade que chamamos de “latim vulgar” é uma realização lingüística que esteve submetida a diversos tipos de influência. Para Rodolfo Ilari⁹, o melhor seria entender essa língua como “proto-romance”, ou seja, a língua que deu origem às línguas românicas que conhecemos hoje.

Ilari afirma que “há bons motivos para crer que o proto-romance foi de fato uma língua eminentemente popular” e cita um trabalho de Maurer (1962) que cita diversos argumentos históricos para pensarmos no proto-romance como uma língua não-culta. Para isso, Maurer, de acordo com Ilari, apresenta características estruturais da língua que estariam presentes em diversas variedades populares.

Para Maurer, podemos encontrar diversos textos clássicos em que os autores aludem a uma determinada variedade conhecida como *rusticitas* (ou *peregrinitas*), que possuiria formas severamente criticadas por esses autores, que pretendiam que essas formas jamais chegassem à escrita. Levando em conta o caráter aristocrático da sociedade latina, diz Maurer, podemos concluir que essas formas só poderiam vir de camadas inferiores da população. Um dos principais elementos que essa variedade continha seria a pronúncia de uma única vogal onde

⁸ BASSETTO, Bruno F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 92

⁹ ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2006.

eram grafadas duas. Há, segundo Ilari, depoimentos de escritores latinos em que se critica a pronúncia [pretor]¹⁰, e privilegia [praetor]; critica [edus] para privilegiar [haedus]. Há ainda o histórico exemplo do político Claudius, cita Ilari,¹¹ que teria mudado seu nome para Clódio quando se candidatou a tribuno da plebe, por julgar que essa forma seria “mais popular”.

Outra variação que encontramos nesses exemplos é a não pronúncia do *h* aspirado no começo das palavras, ou seja, quando a pronúncia encontrada para *haedus* é [edus], podemos perceber que certamente essas pessoas não tinham acesso à forma clássica escrita da palavra, por exemplo.

Outro argumento apontado por Maurer é a distribuição geográfica da língua pela România. Ora, é necessário compreender que quem avançava com o império nas terras conquistadas eram principalmente soldados, e não literatos ou aristocratas. A latinização dos territórios se deu, portanto, com pessoas que não utilizavam a variedade culta, mas uma variedade repleta de marcas da língua popular.

1.1 Características do latim vulgar

A síncope dos ditongos não aconteceu apenas nos casos citados anteriormente por Ilari. Sabemos que na morfologia verbal, por exemplo, era grande a instabilidade do morfema -v-, uma semi-vogal que exercia a função de marca do perfeito. De acordo com Ilari, inclusive, foi uma das influências que o vulgar exerceu sobre a língua escrita: “um exemplo (...) é a síncope das sílabas *vi*, *ve* nos perfeitos fracos (*laudasti* por *laudavisti*)”¹².

Além desses fatores, Ilari comenta que a estrutura lingüística do latim clássico difere em diversos termos da do proto-romance, por exemplo, porque esta possui um menor número de declinações, de pronomes indefinidos e demonstrativos¹³; “faltam” alguns numerais¹⁴, entre outros fatores. Evidentemente, não se pode dizer que essa variedade é mais simples,

¹⁰ Não estou utilizando a notação oficial de pronúncia, que seria a do IPA, mas uma representação mais simplificada.

¹¹ ILARI, R. *op. cit.*, p.59.

¹² ILARI, *op.cit.*, p.62.

¹³ A esse respeito, Bassetto afirma que dos seis demonstrativos que existiam no latim clássico (a saber, *is*, *hic*, *iste*, *ille*, *ipse* e *idem*) apenas três foram conservados (*iste*, *ipse*, *ille*) “ainda que com o auxílio de partículas de reforço, como *ecc'iste*” ou mesmo como em “*metipse* ou *metipsimus* (> port. *mesmo*, cast. *misimo*, fr.*même*, it *medesimo*, etc)” (BASSETTO, *op. cit.*, p.93)

¹⁴ Como exemplifica Bassetto, entre outros fenômenos que ocorreram aos numerais, uma das mais interessantes foi a uniformização dos nomes que eram formados pela subtração (18 *duodeviginti*, 19 *undeviginti*) resultaram em nomes pela adição (*decem et octo*, *decem et novem*). O mesmo processo, segundo ele, aconteceu com os outros números, por exemplo *decem et sex*, *decem et septem*. (*ibidem*, p. 93)

como o fazem Ilari e Bassetto¹⁵, mas é interessante notar que há uma diminuição quantitativa nas estruturas, mesmo em algumas consideradas extremamente funcionais para o latim, como as declinações.

As relações sintáticas também são, no proto-romance, diferentes das do latim clássico. Ao que parece, a morfologia vai se enfraquecendo e, por isso, o papel sintático na oração não é mais marcado morfologicamente, mas pela ordem dos constituintes. Nas palavras de Bassetto, “a maior simplicidade na sintaxe verifica-se também na ordem das palavras na oração e na construção do período, até certo ponto conseqüência da perda dos casos e declinações”.¹⁶ Disso decorre que tempos e modos verbais são indicados por perífrases e adjetivos comparativos e superlativos passam a ser feitos da forma analítica. Outra decorrência disso é que as preposições, que existiam em número reduzido e com usos bastante específicos, começam a ser mais utilizadas, até mesmo com sentidos diferentes e usos mais especializados.

Na sintaxe há, ainda, outros fenômenos igualmente interessantes, apontados por Bassetto. Segundo ele¹⁷, há uma regularização do uso de *non* e *ne*, de onde permaneceu apenas o *non* para fazer as negações. Além disso, o uso da preposição *de* foi ampliado e passou a substituir em muitos casos as preposições *ab* e *ex*. Quanto ao uso das preposições, Bassetto ainda afirma que elas passam a substituir as “flexões casuais”, ou seja, a nossa hipótese de que a sintaxe estava mudando e os casos sendo substituídos possui embasamento.

Bassetto também afirma que o latim vulgar era mais analítico que o latim clássico. Um dos exemplos que ele cita é a substituição da forma sintética dos adjetivos pela forma analítica. Os adjetivos comparativos de superioridade e os superlativos, por exemplo, eram geralmente expressos por sufixos, ou seja, a forma sintética. Assim, “mais alto que” era expresso *altior*, e “o mais alto” era *altissimus*. Com a tendência analítica, o latim vulgar (segundo Bassetto, certamente assimilando por analogia as formas do comparativo de igualdade “*tan... quam*” e de inferioridade “*minus... quam*”) desenvolveu uma forma analítica de superioridade “*magis – quam*” e superlativa com advérbios de intensidade (como *valde* e *maxime*, que ele cita.)

Além de todos esses fenômenos, Ilari aponta que formas concretas e expressivas, ou seja, termos abstratos, generalizações, ou mesmo conceitos derivados de abstrações são

¹⁵ Considerar que uma língua é mais simples que a outra é algo que não posso fazer levando em consideração as observações de Faraco que utilizei acima. Acredito que só porque algumas estruturas são “simplificadas”, não é o caso de afirmar que a língua toda está mais simples, uma vez que outros níveis acabam sendo afetados e, portanto, tornando-se mais complexas.

¹⁶ BASSETTO, op. cit., p. 93.

¹⁷ Idem, p. 93.

substituídos por formas concretas, com referente no mundo. Para Bassetto, isso também é um reflexo da visão de mundo dessa cultura, ou seja, “o caráter concreto do latim vulgar é uma decorrência do modo de vida de seus falantes (...) voltado sobretudo para os problemas materiais”¹⁸. Ou seja, como o estilo de vida dessas pessoas menos aristocratas não era o de raciocinar sobre o mundo, mas de interagir com ele, isso se refletiria na sua linguagem. Para melhor identificar os substantivos, então, tornou-se necessário o uso de pronomes, artigos e nomes concretos, além de “abundante prefixação e sufixação, hipocorísticos que substituem as formas correntes, germinação expressiva etc”, como afirma Ilari¹⁹.

Outra característica bastante interessante do proto-romance é a baixa resistência, por assim dizer, a termos exóticos. Podemos pensar que isso se deve ao intenso contato, principalmente geográfico, com outras línguas das quais vocábulos passam a ser assimilados. É o caso, por exemplo, do termo grego *parabolé* (que dá, em português, “palavra”), do termo celta *bertium* (“berço”, em português), do germânico *werra* (que chega até nós como “guerra”) que, pela sua frequência em quase todas as línguas neo-latinas, parecem ter sido incorporados ao proto-romance em uma fase mais primitiva.

Olhando para essas características, podemos pensar que são mudanças que ocorrem na língua de camadas mais populares que aparentemente não tinham acesso à escrita e à cultura formal. Não está descartado, porém, segundo Ilari, que essa variedade tenha sido utilizada por aristocratas em situações informais. (Evidentemente, essa não é a característica que a define.) Parece coerente, entretanto, pensar que, se as camadas mais nobres tinham acesso a esse “controle lingüístico” que a escrita, a cultura formal e o convívio com escritores e gramáticos proporcionaram, certamente a variedade coloquial da aristocracia não era a mesma variedade das camadas inferiores.

Por outro lado, se os “vulgarismos” eram condenados pelos literatos, podemos pensar que essa variedade tinha um corpo bastante significativo e atingia, por assim dizer, muitas pessoas das camadas mais baixas de forma a repercutir nas camadas superiores. Evidentemente, essa quantidade de diferenças não chega a fazer do latim vulgar (ou proto-romance) uma língua diferente, nem mesmo pode-se pensar que a utilização dessa variedade chegasse a impedir a comunicação entre as camadas, mas podemos concluir que coexistiam essas diferenças num mesmo espaço temporal e que ela possuía um corpo tão representativo que os puristas sentiam sua língua “ameaçada”.

¹⁸ Idem, p. 95.

¹⁹ ILARI, op. cit, p. 60.

Evidentemente, existem outras características capazes de demonstrar o que afirmo acima, e mesmo Ilari aponta fatores para provar que o latim vulgar já existia mesmo quando o latim literário estava florescendo.

Insisto nessas afirmações para demonstrar que a variedade que deu origem às línguas neo-latinas não surgiu tardiamente como decadência ou deterioração causadas pelo tempo (porque uma variedade não sucede cronologicamente à outra), mas que era uma variedade legítima, utilizada por milhares de pessoas ainda nas épocas áureas do Império Romano. Provas disso são a difusão de alguns “vulgarismos” por toda a România, que só seria possível se essa variedade fosse uniforme antes de ser levada a outros territórios; a presença de alguns desses fenômenos na literatura do final da República e mesmo em comédias antigas, como as de Plauto; e mesmo a presença de alguns arcaísmos, que não poderiam simplesmente terem “reaparecido” em uma variedade tardia. Segundo Ilari, “como era improvável que estes arcaísmos deixassem de existir no latim culto e voltassem em seguida a aparecer na sua ‘corrupção’, deve-se admitir que o latim vulgar já estava constituído quando o latim literário atingiu seu apogeu, sobrevivendo ao lado dele durante alguns séculos”.²⁰

Ilari ainda aponta outro aspecto interessante: o latim literário se manteve como uma língua bastante estável (obviamente porque se manifestava em um contexto extremamente protegido e restrito), enquanto a língua do povo apresentava inovações constantemente. Inclusive, para ele, a questão lingüística pode ser um reflexo da cultura da sociedade romana, em que a aristocracia representava um bloco fechado, conservador e, por isso, utilizava uma língua mais “homogênea” enquanto a variedade falada seria uma representação de um povo aberto a todos os tipos de influências e, portanto, plebeu.

²⁰ ILARI, R. op.cit., p.61.

Capítulo 2 – Jerônimo: sua teoria tradutória e a Vulgata

Se levarmos em consideração que uma língua escrita se mantém estável, podemos entender que o latim literário se manteve tão conservador que chegou à Idade Média mais ou menos intocado, enquanto a língua que o povo falava ia diferindo ao longo dos séculos. Tanto que Ilari aponta que como uma “(...) tentativa de aproximação entre a língua vulgar e o latim culto, pode-se citar a decisão da Igreja (...) de redigir em um latim tanto quanto possível popular os textos do Novo Testamento”.²¹ Ou seja, em quatro séculos de tradição cristã, era necessário que os textos, escritos em grego, chegassem até os povos cristianizados, em uma língua minimamente acessível.

É importante salientar, nesse momento, uma observação feita por Bassetto:

Inicialmente, o latim usado pela Igreja estava mais próximo da variedade vulgar, uma vez que os apóstolos, em sua maioria, não eram homens letrados, e o maior número dos que abraçavam a nova fé eram pessoas humildes e incultas. Posteriormente, a partir do século IV, o latim eclesiástico se aproxima da norma literária através dos escritos dos Padres e Doutores da Igreja, ainda que mantenha ponto de contato com a língua do povo, sobretudo nos primeiros séculos. (...) Enquanto o latim vulgar e, com ele, o latim cristão, se fragmentava em numerosos dialetos, durante a fase “romance” das línguas românicas, o latim, herdeiro da tradição literária romana, tornou-se a língua da Igreja (...).²²

A tradução de Jerônimo da Bíblia, evidentemente, desperta questões que vão além do seu uso lingüístico. É importante saber o que Jerônimo (e a Igreja Católica) pretendia com ela, quem eram as pessoas que iriam lê-la, que diferenças ele desejaria traçar com relação às versões anteriores e que tipo de resultado ele esperava ter. Assim, poderemos enxergar outras questões que dizem respeito à língua, mas enviesadas por outra perspectiva.

2.1 Jerônimo

Antes de começarmos, faz-se importante conhecer um pouco da vida desse homem e, mais precisamente, o contexto litúrgico em que se insere a epístola a Pamáquio, que será um de nossos objetos de análise.

²¹ ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2006. p. 62.

²² BASSETTO, Bruno F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 175.

Jerônimo nasceu na Dalmácia (território que atualmente se encontra na Croácia, ao leste do Mar Adriático) aproximadamente em 347. Esse território estava sob dominação romana desde 168 a.C., ou seja, a presença romana já estava bastante consolidada quando Jerônimo veio ao mundo. Desde a assinatura por Constantino I do Ocidente e Licínio, do Oriente, do Édito de Milão, em 313, o cristianismo, como religião oficial romana, se tornava cada vez mais forte. A cultura em que se insere Jerônimo, portanto, era fortemente cristã e isso o faz ser levado desde muito cedo a se interessar pelo clero.

Ele estudou em Roma e recebeu, aos 30 anos, a ordenação sacerdotal, motivo que o fez dirigir-se até Gregório Nanzianzeno, um teólogo bastante reconhecido por sua erudição, que morava em Constantinopla. Estando ali e aprendendo com um exegeta dos mais reconhecidos no seu tempo, Jerônimo fez amizade com outros nomes importantes da igreja do Oriente.

Longe da sede do poder papal, a igreja do Oriente possuía muitas divergências doutrinárias com Roma e isso fez com que o Papa Damaso e o Imperador Teodósio convocassem um sínodo, ou seja, uma reunião onde seriam decididos que princípios norteariam o funcionamento da religião, o que seria considerado heresia, o que seria considerado dogma e assim por diante. Como Ambrósio, o então secretário, estivesse doente, Jerônimo foi chamado para substituí-lo. Nesse contexto, foi chamado para trabalhar com o Papa, que precisava de um secretário particular, e coube a Jerônimo a tarefa de cuidar das suas vontades, dentre as quais a de que um texto mais fiel ao original e ao mesmo tempo em um latim mais “correto” fosse utilizado como Bíblia para a liturgia da igreja Católica.

Inicialmente, segundo consta, sua tarefa era apenas unificar as traduções já existentes, olhar para os originais e verificar a existência de incorreções. Jerônimo foi, então, aprender hebraico para que o resultado fosse mais satisfatório. Ele conviveu muito de perto com a versão mais antiga da Bíblia vertida para o Latim, conhecida como *Vetus Latina*²³ antes de começar a tarefa de traduzir todo o texto. Sua tradução do Antigo Testamento foi feita toda com base no texto hebraico, o que causou enorme polêmica, uma vez que o costume era apreender o texto por meio do texto grego.

O texto, de fato, foi pouco aceito e tornou-se oficial para a Igreja Católica apenas com o Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563. De qualquer forma, foi amplamente

²³ Velha latina, uma tradução dos chamados Septuaginta, a quem não há autor atribuído e da qual nem mesmo se sabe se foi trabalho apenas de uma pessoa que traduziu. A *Vetus* era uma espécie de conglomerado de textos, parcialmente traduzidos, que era utilizada como fonte para aqueles que sabiam ler latim. Aparentemente, esse texto era traduzido a partir de uma tradução grega, e não diretamente do original.

divulgado no Ocidente e tornou-se o texto oficial, assim como queria o Papa Damaso. Além disso, um texto todo em latim seria importante para a consolidação do cristianismo.

Durante seu projeto de tradução, consta que Jerônimo teve um sonho (esse relato apareceu em uma carta que Jerônimo teria enviado a Eustáquia, uma amiga sua que pertencia a uma ordem religiosa feminina que ele havia fundado), em que era levado à presença de Deus e açoitado por anjos, sob a acusação de ser ciceroniano e não cristão na sua tradução da Bíblia. A interpretação que Jerônimo deu ao sonho, evidentemente, modificou a forma com que ele enxergava o processo tradutório e mesmo a língua que utilizava, segundo a hipótese desse trabalho.

2.2 Teoria da tradução

A influência da teoria da tradução de Jerônimo foi sentida durante séculos mais tarde. Uma das mais notáveis e exemplares foi na obra de Martinho Lutero (1483-1546). É sabido que um dos motivos que levaram Lutero a realizar uma reforma era justamente o fato de que a língua em que a Bíblia se encontrava não era legível para os alemães. Lutero foi acusado de ter traduzido erradamente algumas frases da Bíblia em alemão e, a exemplo de tantos tradutores ofendidos, decide escrever, em 1530, algumas considerações sobre o ato de traduzir (uma obra intitulada *Sendbrief vom Dolmetschen* - algo como Circular ou Carta aberta sobre a tradução). Mesmo que tenha rompido com o catolicismo, ao que parece ele não rompe com a teoria de tradução de Jerônimo. Segundo consta, sua principal questão na sua carta aberta, 1135 anos depois de Jerônimo, era a questão de ter que traduzir a palavra ou o sentido em uma tradução.²⁴

Esse caso é apenas ilustrativo da grande repercussão que as idéias de Jerônimo exerceram sobre os tradutores, a ponto de Douglas Robinson, em seu livro *Western Translation Theory*, dizer, a propósito de Jerônimo: “Sua carta a Pamáquio, escrita em Belém

²⁴ De fato, um dos trechos da carta de Lutero diz o seguinte: “Only an idiot would go ask the letters of the Latin alphabet how to speak German, the way these dumbasses do. You've got to go out and ask the mother in her house, the children in the street, the ordinary man at the market. Watch their mouths move when talk, and translate that way. Then they'll understand you and realize that you're speaking German to them.” (Somente um idiota perguntaria às letras do alfabeto do latim como falar alemão, como fazem esses imbecis. Você deve sair e perguntar à mãe em sua casa, à criança na rua, ao homem comum no mercado. Observe suas bocas se moverem quando eles falam, e traduza desse jeito. Então eles irão te entender e perceber que você está falando alemão com eles. (A tradução é minha.) (ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory*. p.30)

em 395, é o documento fundador da teoria da tradução cristã; juntamente com Cícero, Lutero e Goethe, Jerônimo é um dos mais influentes teóricos da tradução na tradição ocidental”.²⁵

2.2.1 A epístola a Pamáquio

Além de traduzir a Vulgata, o que já seria uma grande contribuição para a tradição da tradução ocidental, Jerônimo escrevia cartas que eram verdadeiros tratados de tradução defendendo suas escolhas e justificando suas posições. Uma das mais célebres, a epístola a Pamáquio, escrita por ocasião de acusações que vinha recebendo de um rival, Rufino, ficou muito conhecida pelo estilo “belicoso” mas, principalmente, por ser um trecho da sua “teoria de tradução”. Outros trechos dessa sua teoria podem ser encontrados na carta número 106, dirigida a dois padres godos, e nos prefácios de cada livro traduzido da Bíblia.

A epístola a Pamáquio, na qual nos deteremos mais longamente, foi escrita por ocasião de uma certa divergência que Jerônimo teve com Rufino, um antigo amigo que o acusou de ter deturpado “propositalmente” o sentido de uma das passagens de uma carta de Epifânio, bispo de Constância, a João, bispo de Jerusalém. Aconteceu que Eusébio de Cremona, sabendo da contenda entre os dois bispos, pediu a Jerônimo que traduzisse uma das cartas para que ele pudesse entender o que acontecia. A tradução era para supostamente ter sido mantida em segredo, mas apareceu publicada cerca de um ano e meio depois, quando Rufino faz sua acusação.

Além da deturpação do sentido, Rufino o acusava de ter sido origenista²⁶, fato que ofendeu Jerônimo profundamente – o que fica bastante claro na epístola a Pamáquio. Evidentemente, Rufino não é o destinatário desta carta²⁷, mas certamente muitas das críticas

²⁵“His letter to Pammachius (...), written in Bethlehem in 395, is the founding document of Christian translation theory; along with Cicero, Luther, and Goethe, Jerome is one of the most influential translation theorists in the Western tradition”. ROBINSON, op.cit. p.23.

²⁶ Orígenes era um estudioso das escrituras que nasceu em Alexandria em 185. Viveu em uma época em que não existia no cristianismo a concepção de heresias e, portanto, lia as escrituras da tradição judaico-cristã da mesma forma que se lia a mitologia grega, ou seja, alegoricamente. Por meio dessas leituras, acreditava que a visão do paraíso, como apresentada na Bíblia, era cheia de simbologias: as árvores seriam espíritos puros e os rios, as virtudes celestes. Durante muitos anos, a interpretação de Orígenes foi considerada elucidativa para o mundo cristão e ele “a luz do Evangelho depois dos apóstolos”. Duzentos anos mais tarde um certo teólogo chamado Aterbius tomou para si a tarefa de combater a teoria de Orígenes. Certa vez, Aterbius foi a Jerusalém, onde se encontrava o mosteiro de Jerônimo, que havia já traduzido cerca de 70 obras do exegeta, e condenou o lugar por ser um berço do origenismo. O bispo João de Jerusalém achou por bem investigar a situação e Rufino juntou-se a ele. A contenda se espalhou em outros contextos e mesmo celebrações em lugares sagrados passaram a ser palco de disseminação de preconceitos contra esses monges, que inclusive ficaram privados de celebrar a missa dentro de seus conventos. (Cf. CARPINETTI, L.C.L., *O estilo polêmico de São Jerônimo na Apologia contra Rufino*. Cadernos do CNLF, Série V, no.03 - Estudos Filológicos)

²⁷ Uma famosa obra de Jerônimo consiste na chamada “Apologia contra Rufino”, que “faz parte de um prolongado conflito” motivado “pela publicação de uma tradução de uma obra de Orígenes, o *Peri Archon*, feita

dirigem-se a ele. Pamáquio, portanto, é quem tem a virtude de ouvir, conforme coloca o próprio Jerônimo: “Então nessa ocasião eu me considero afortunado porque seus ouvidos instruídos ouvirão minha defesa contra a ignorância e falsidade destinadas a mim por uma língua arrogante e inexperiente.”²⁸

A contenda entre os dois, no entanto, não é mais interessante do que as concepções tradutórias que aparecem por detrás das aparentes respostas dadas às críticas. Passo a passo, Jerônimo vai deixando transparecer suas concepções e as escolhas que fez para dar corpo a sua tradução. Um exemplo disso fica claro em um trecho em seguida. Jerônimo diz que foi acusado, segundo ele, por “que não traduzi palavra por palavra, que em vez de honorável disse caríssimo”²⁹, ou seja, em um comentário aparentemente argumentativo podemos depreender, por exemplo, que o que ele estava fazendo era certamente diferente da prática tradutória da época.

Dessa forma, fica evidente que a contribuição de Jerônimo vai além da sua obra, mas sua contribuição para a teoria da tradução é algo que suscitou, mesmo séculos depois, questões pertinentes sobre a prática tradutória. Um pouco mais adiante, Robinson completa, afirmando que, com esta carta, escrita vinte anos após o sonho profético, Jerônimo iria “formular a primeira teoria da tradução verdadeiramente pós-ciceroniana, incorporando elementos ciceronianos em um novo regime ascético que enfatizou a transmissão precisa do significado do texto ao invés da acurada transmissão do significado do texto mais que a imitação livre do orador.”³⁰

O que Jerônimo pretendia, portanto, era ir além da tradução literal. Para ele, bastava que o sentido geral da frase fosse apreendido, mesmo que para isso precisasse mudar algum sentido, para que ficasse mais perto do sentido mais comum na língua de chegada.

De fato, as idéias de Jerônimo se apóiam um pouco nas de Cícero, de modo que ele mesmo chega a citar, em sua defesa, a obra *De optimo genere oratorum*. O próprio fato de ele estar fazendo uma defesa de sua tradução parece remontar ao fato de Cícero ter feito a mesma

por Rufino.” Jerônimo, em resposta, publica uma tradução sua da mesma obra e escreve no prefácio que “sua tradução não continha erros lingüísticos nem falseava os verdadeiros pareceres de Orígenes”. Com isso, a tradução de Rufino ficou mal vista e começa uma série de troca de acusações por meio de elogios, dos quais Jerônimo percebe a maldade. Segundo Carpinetti, a obra é instigante porque “traz a marca do calor do debate, o furor da busca da verdade, o tom de total engajamento.” (Cf. CARPINETTI, op. cit.)

²⁸ “So it is that on this occasion I consider myself fortunate that your educated ears will hear my defense against the accusation of ignorance and falsehood charged to me by an inexperienced, bumptious tongue”. (Tradução minha.) ROBINSON, op. cit., p. 23.

²⁹ *uerbum non expressisse de uerbo, pro honorabili dixisse carissimu.* (Tradução minha.)

³⁰ “formulate the first truly post-Ciceronian translation theory, incorporating Ciceronian elements into a new ascetic regimen that stressed the accurate transmission of the meaning of the text rather than the budding orator’s freely ranging imitation.” ROBINSON, op. cit., p. 23.

coisa, justificando suas traduções de Ésquines e Demóstenes. Além de Cícero, ele utiliza uma citação de A Arte Poética, de Horácio, e diz que “o tradutor inteligente ‘não tenta verter palavras literalmente/ como um tradutor fiel’”.³¹ Ainda para corroborar a mesma tese, Jerônimo cita um certo Eusébio de Cesaréia que, entre outras coisas, afirma que “se alguém traduzir toda e qualquer palavra literalmente, a passagem soará absurda”³² e, mais adiante, completa

se alguém não vê como a tradução adultera o charme do original, espremendo Homero palavra por palavra em latim – eu irei ainda mais longe e pedirei que ele traduza Homero em prosa: o resultado será que a ordem das palavras parecerá ridícula, e que o mais eloqüente dos poetas será parcamente articulado.³³

Apenas para ilustrar um pouco mais a sua linha de raciocínio, mais adiante ele reitera: “Agora eu não apenas admito, mas anuncio abertamente que em uma tradução do grego – exceto, é claro, no caso da Escritura Sagrada, onde mesmo a sintaxe contém um mistério – eu verto, não palavra por palavra, mas sentido por sentido”.³⁴

É fato que, para Jerônimo, a tradução está mais ligada ao trabalho de passar para outra língua o significado do trecho em questão que traduzir palavra por palavra. Entretanto, a questão para ele vai mais além: para ele, manter a literalidade significa perder significado. Ele cita um exemplo da tradução que o evangelista João fez do hebraico para citar em seu evangelho. O trecho em questão é o versículo 37 do capítulo 29 de João e está, em hebraico, no livro de Zacarias, capítulo 12, versículo 10. O trecho é da frase “eles hão de fitar aquele que eles trespassaram”³⁵. Jerônimo diz: “Essa frase a Septuaginta verte ‘e eles hão de fitar-me porque eles debocharam de mim’ e na nossa tradução: ‘eles hão de fitar-me por essas coisas de que eles debocharam ou a que eles insultaram’.”³⁶ E acrescenta: “Aqui estão três versões discrepantes, ainda que a variação nas frases entre em um acordo por uma unidade de espírito.”^{37, 38}

³¹ “the intelligent translator ‘try not to render words literally / like some faithful translator’”. Ibidem, p. 25.

³² “if one translates each and every word literally, the passage will sound absurd”.

³³ “if anyone does not see how translation adulterates the charm of the original, let him squeeze Homer word for word into Latin – I will even go further and ask him to render Homer into Latin prose: the result will be that the order of the words will seem ridiculous, and that the most eloquent of poets will be hardly articulated.” Ibidem, p. 26.

³⁴ “Now I not only admit but freely announce that in translation from the Greek – except of course in the case of Holy Scripture, where even the syntax contains a mystery – I render, not word for word, but sense for sense.” Ibidem, p. 25.

³⁵ “they shall gaze on him whom they pierced”.

³⁶ “This phrase the Septuagint renders, ‘and they shall look upon me because they have mocked me’ and in our translation ‘and they shall look upon me for those things they have mocked or insulted’.”

³⁷ “Here are three discrepant versions, yet the variety in the phrasing is brought into concord by a oneness in the spirit” Ibidem, p.27. (Tradução minha).

2.3 O uso lingüístico inovador

Porém, o papel da Vulgata de Jerônimo foi além do litúrgico e cristão: durante séculos, ela foi a única versão consultada para a tradução da Bíblia para outras línguas, principalmente neo-latinas. De fato, dessa forma o uso lingüístico de Jerônimo foi bastante influente para as gerações vindouras.

Como dito anteriormente, no item 2.1, Jerônimo teve um sonho enquanto seu projeto de tradução caminhava e esse sonho falava justamente sobre suas escolhas lingüísticas. Podemos deduzir disso que a língua que ele estava usando, até então, era uma língua que não poderia ser compreendida pelos cristãos, que, possivelmente, utilizavam um registro diferente do clássico e, mais que isso, que ele tinha essa consciência. Por outro lado, podemos ver que Jerônimo dominava essas duas (ou talvez até mais) variantes da língua. Com anjo ou sem anjo³⁹, a mudança de registro é bastante substancial dentro da sua tradução. É claro que não podemos deixar de levar em conta que o público que Jerônimo atingiria não seriam os cristãos comuns, analfabetos, mas sim os sacerdotes, que, presumivelmente, leriam esses textos para o povo.⁴⁰

Além disso, podemos pensar que em meados do século IV houve também o Concílio de Nicéia, fundamental para unificar o cristianismo e fundar as bases da Igreja Católica como a conhecemos hoje. Consta que havia uma difusão muito grande de uma seita conhecida como arianismo, cujos praticantes possuíam crenças um pouco divergentes dos cristãos que a Igreja pretendia manter sob sua proteção. Nesse Concílio, entre outras decisões fundamentais para o estabelecimento das diferenças entre as duas confissões, determinou-se como seria a Bíblia, que livros eram considerados apócrifos e que livros entrariam no rol. A tradução de Jerônimo veio depois disso, muito embora tivesse o mesmo propósito.

Citando Ilari (2006), o fato de a tradução de pelo menos parte da Bíblia ter sido decalcada dos textos de tradição popular evidencia “uma orientação da Igreja no sentido de aproximar sua linguagem da do povo” e que “é a mesma orientação que se resume numa frase

³⁸ Evidentemente, a afirmação de Jerônimo que excetuava as Sagradas Escrituras do seu método de tradução é um pouco complicada, uma vez que ele retira diversos exemplos dela, como esse que acabamos de ver.

³⁹ Devo dar os créditos desse comentário ao bem-humorado professor Caetano Galindo, que o fez em uma comunicação informal, enquanto discutíamos a vida de Jerônimo.

⁴⁰ Vale lembrar que até muito recentemente as celebrações católicas eram celebradas em latim, o que demonstra que a principal preocupação da igreja não era, pelo menos até a década de 60, fazer com que o povo entendesse o que estava sendo dito. Evidentemente, traduções da Bíblia para o português são muito anteriores, mas faço esse adendo para mostrar que a preocupação certamente não era de levar ao povo mais humilde uma versão do texto escrito na sua língua, porque ele não teria acesso.

(...) de Santo Agostinho: “Antes ser repreendido pelos gramáticos do que não ser compreendido pelo povo”⁴¹. Além disso, Ilari propõe uma comparação dessa atitude da Igreja com uma tomada cerca de cinco séculos mais tarde, no Concílio de Toulours (813), em que se ordenava que “bispos e diáconos tratassem de traduzir seus sermões para o vulgar para que os fiéis pudessem compreendê-los”⁴². Para ele, esse é um bom exemplo de que representação que “entre a língua falada e o latim dos textos que serviam de base às homilias se havia cavado um fosso completamente intransponível”⁴³.⁴⁴

⁴¹ “*melius est reprehendant grammatici quam non intelligant populi*”. Tradução do autor, p. 63.

⁴² ILARI, op. cit., p. 63.

⁴³ *Ibidem*, p. 63.

⁴⁴ Evidentemente, pensando que no século IX o latim já havia deixado de ser a língua da população em diversos países da Europa.

Capítulo 3 – Tradução e análise

Para poder olhar mais de perto para os fenômenos lingüísticos apresentados no texto latino, achei mais conveniente realizar uma tradução do texto para poder compreender, inclusive, possíveis alterações de significado em nível lexical. É sabido que há versões da Bíblia em português, mas o objetivo aqui não é o de propor uma tradução nova, mas de traduzir rudimentarmente apenas para entrar em contato de uma forma mais aprofundada com o texto.

Dois trechos foram escolhidos: o capítulo 3 do Gênesis e o capítulo 12 do Evangelho de São João. A escolha foi aleatória, de forma a não privilegiar um ou outro trecho e para que meus exemplos não ficassem enviesados. Entretanto, não foi gratuita a escolha de um trecho do chamado Antigo Testamento e um do Novo Testamento: a idéia aqui é confrontar a tradução em dois momentos diferentes do trabalho de Jerônimo, a saber, um em que ele utiliza registros do latim mais clássico e outro com influências do latim vulgar – ou, como preferem os católicos, antes e depois do sonho.

No capítulo 3 do Gênesis, a história que é narrada é a da desobediência de Adão e Eva às ordens de não comerem o fruto que se encontrava no meio do jardim. Como a serpente os convence a experimentar, Deus os expulsa do paraíso e condena a eles e seus descendentes a trabalharem a terra para dela tirarem seu sustento. No capítulo 12 do Evangelho de João, entre outros fatos, Jesus vai à casa de Lázaro, um amigo que tinha se levantado dentre os mortos, entra em Jerusalém e é aclamado pela multidão.

3.1 Síncope do morfema do perfeito

Porém, o conteúdo das narrativas não é tão interessante quanto as formas lingüísticas que se apresentam na tradução de Jerônimo. Entre outras coisas, no trecho do Evangelho de João encontramos diversos verbos com a forma sincopada, o que parece ser um indício de contaminação do latim vulgar. Destaco os verbos *veniit* (forma sincopada de *venivit*), *abiit* (forma sincopada de *abivit*), *audierit* (forma sincopada de *audiverit*) e *custodierit* (forma sincopada de *custodiverit*).

5 "*Quare hoc unguentum non **veniit** trecentis denariis et datum est egenis?*"

"Porque não vendeu esse perfume por trezentos denários e deu aos que precisam?"

19 Pharisei ergo dixerunt ad semet ipsos: "Videtur quia nihil proficimus? Ecce mundus totus post eum abiit⁴⁵!"

Então os fariseus disseram entre eles mesmos “Vocês vêm porque nada conseguimos? Vejam que todo mundo depois dele vai embora”.

47 Et si quis audierit verba mea et non custodierit (...)

E se alguém ouvir as minhas palavras e não as observar (...)

No primeiro e segundo casos, o que parece cair⁴⁶ é um morfema do perfeito, -v-, que no latim clássico era realizado como uma semivogal. Porém, no segundo caso, o morfema em jogo indica o perfeito do subjuntivo, e o que cai é justamente a mesma semivogal, -v-.

Esses exemplos são todos retirados do texto de João. No capítulo do Gênesis, entretanto, há uma ocorrência do *audio* sem síncope do morfema:

10 qui ait vocem tuam audivi in paradiso.

“É que”, ele disse, “ouvi a tua voz no jardim”.

O exemplo é interessante porque aqui está sendo utilizado o morfema de perfeito, que não aparece no trecho do Evangelho de João. Embora saibamos que a forma *audii* poderia perfeitamente ser utilizada nesse contexto, assim como a síncope do morfema foi, diversas outras vezes, parece que aqui Jerônimo optou pelo preciosismo lingüístico, por utilizar uma forma mais “clássica”.

3.2 Uso de preposições

⁴⁵ Entre outros fenômenos, Faria, em seu livro “Fonética do Latim Vulgar”, (p.191), cita que *abiit* era uma forma encontrada em Plauto. Ora, posso completar a minha hipótese afirmando, como Serafim da Silva Neto, em sua “História do Latim Vulgar” (p.19), “a língua de Plauto não é idêntica a de Cícero” e é justamente aqui que reside a minha questão. Certamente a língua que Jerônimo estava utilizando era mais próxima da de Cícero, o que demonstra que, se ele utiliza essa forma sincopada, é porque se afasta, de qualquer forma, do latim mais clássico.

⁴⁶ Digo aqui que o morfema está caindo porque como a Vulgata é escrita em prosa, não há a possibilidade de pensar que a síncope foi realizada por efeitos estilísticos, embora saibamos que mesmo a prosa possa se utilizar desses recursos. O que quero dizer é que não parece ser o caso de um morfema não aparecer recorrentemente por efeitos estilísticos do texto.

Já foi dito anteriormente que o uso da preposição foi bastante ampliado no latim vulgar e que isso é, antes de mais nada, reflexo do enfraquecimento dos casos e da mudança de ordem na frase latina.

Antes, porém, de olhar para a mudança de ordem na frase, pretendo olhar para o uso que Jerônimo fez de preposições nos dois trechos. No Gênesis, com o latim presumidamente mais cuidado, observamos

16 multiplicabo aerumnas tuas et conceptus tuos in dolore paries filios et sub viri potestate eris (...)

Multiplicarei as suas preocupações e você dará à luz aos seus filhos na dor, e sob o poder do homem ficará (...)

17 (...) comedisti de ligno ex quo praeceperam tibi ne comederes

comeu da árvore que eu tinha avisado para não comer (...)

Ou seja, as preposições estão sendo utilizadas justamente no sentido gramatical clássico, inclusive em conformidade de casos. Já no trecho do Novo Testamento, podemos observar:

17(...) quando Lazarum vocavit de monumento et suscitavit eum a mortuis.

quando chamou Lázaro do túmulo e o acordou dentre os mortos.

28(...) Venit ergo vox de caelo

Então uma voz veio do céu:

42 (...) ut de synagoga non eicerentur;

para não serem expulsos da sinagoga

Esses exemplos demonstram a afirmação de Bassetto, acerca do uso da preposição *de* no latim vulgar: “generalizou-se e substituiu *ab* e *ex*, de difícil distinção sob o aspecto semântico”.⁴⁷

⁴⁷ BASSETTO, op. cit., p.93.

3.3 Mudança da ordem canônica da frase

Outro fenômeno que vem à tona quando observamos e contrastamos os dois textos é a mudança da ordem canônica da frase no latim. Sabemos que, por ser uma língua de casos, o latim permitia uma enorme variedade de combinações dos constituintes da sentença. O sujeito nem sempre precisava aparecer no começo assim como o verbo nem sempre precisava aparecer no final da frase, embora essa configuração tenha sido largamente utilizada nos textos clássicos.

A mudança da ordem é uma decorrência direta do enfraquecimento da morfologia, porque era necessário que de alguma forma os constituintes da sentença fossem marcados. É o que diz Ilari:

como era de esperar, a perda dos casos obrigou a buscar novos meios para indicar as funções sintáticas, tarefa que passou a ser desempenhada pela ordem das palavras e pelo uso de preposições; chegou-se assim a uma ordem mais fixa, importante sobretudo para distinguir entre as expressões nominais da oração: o sujeito e o objeto direto.⁴⁸

Sabemos também que a ordem dos constituintes nas línguas românicas é, majoritariamente, a seguinte: sujeito, verbo e então objeto (SVO). Na *Vulgata*, encontramos alternância das situações, como podemos ver em:

3 *Maria (...) accepit libram unguenti nardi pistici (nominativo, verbo, acusativo, genitivo)*

Maria tomou uma libra de perfume de nardo puro. (sujeito, verbo, objeto, adjunto adnominal)

34 *Nos audivimus ex lege quia Christus manet in aeternum; (nominativo, verbo, preposição, ablativo, preposição, nominativo, verbo, preposição, acusativo)*

Nós ouvimos da lei que o Cristo permanece para sempre (sujeito, verbo, adjunto adnominal, conjunção que introduz subordinada, sujeito, verbo, adjunto adverbial)

Ou seja, fica evidente que a ordem começa a ser muito mais parecida com a ordem das línguas românicas que com a do latim clássico. Contrastando esses exemplos com os exemplos do Gênesis, vemos:

⁴⁸ ILARI, op.cit., p. 108.

1 (...) *serpens erat callidior cunctis animantibus terrae quae fecerat Dominus Deus*
(...) A serpente era a mais esperta entre todas as criaturas da terra que o Senhor Deus
tinha feito

7 *et aperti sunt oculi amborum* (...) (*verbo, nominativo, genitivo*)
E abriram-se os olhos dos dois (verbo, sujeito, adjunto adnominal)

Ou seja, a ordem utilizada pelo tradutor também não é a canônica mesmo no trecho que parece ser o mais conservador dos dois observados. Não necessariamente é uma influência do vulgar, mas parece ser um fenômeno bastante intrínseco no uso da língua, para que o tradutor não tenha considerado a ordem canônica e tenha utilizado, com muito mais frequência, a ordem sujeito-verbo-objeto, a mais freqüente e, por que não, canônica, das línguas românicas.

3.4 Outras mudanças sintáticas

3.5.1 Negação

Como vimos em uma afirmação de Bassetto anteriormente, a negação passou a ser exprimida apenas pelo *non* no latim vulgar. É de especial curiosidade que existam, no trecho do Gênesis, negações que Jerônimo faz com o uso do *ne*.

3 (...) *ne comederemus et ne tangeremus illud* (...)
(...) nem consumiremos e nem tocaremos nela (...)

17 (...) *quo praeceperam tibi ne comederes* (...)
(...) que eu tinha avisado para não comer (...)

Por outro lado, é interessante notar que no trecho de João não há negações com *ne*, mas várias com *non*.

5 "*Quare hoc unguentum non veniit trecentis denariis et datum est egenis?*"

"Porque esse perfume não é vendido por trezentos denários e dado aos que precisam?"

16 *Haec non cognoverunt discipuli eius primum(...)*

Os discípulos dele primeiro não reconheceram (...)

37 *Cum autem tanta signa fecisset coram eis, non credebant in eum (...)*

Mesmo que fizesse tantos sinais na presença deles, não acreditavam (...)

É sabido, entretanto, que o *ne* é uma conjunção que exprime negação de uma forma um pouco diferente do *non*. Entretanto, cabe observar que, como são abundantes as formas com *ne* no trecho do Antigo Testamento e inexistentes no trecho do Novo Testamento, podemos depreender que, de fato, essas construções passaram a ser negligenciadas e deram lugar às construções com *non*, que aparecem tantas vezes no trecho do Evangelho.

3.5.2 *Adjetivos comparativos e superlativos*

Como afirmei anteriormente, uma das decorrências de o latim vulgar ser mais analítico é exemplificado pelo uso dos adjetivos comparativos de superioridade e superlativos em sua forma analítica, muito provavelmente pela assimilação das formas do comparativo de igualdade e de inferioridade.

No *corpus* analisado, encontramos duas ocorrências bastante significativas desses exemplares: no livro do Gênesis, na descrição da serpente, e no livro de João, comparando duas situações.

No livro do Gênesis, encontramos o comparativo de superioridade:

1 *sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae*

Mas a serpente era mais esperta que todas as criaturas da terra

Já no livro de João, encontramos um comparativo de superioridade, mas em sua forma analítica:

43 *dilixerunt enim gloriam hominum magis quam gloriam Dei.*

Deram valor para a ambição do homem mais que para o renome de Deus.

Esses dois exemplos servem bem para ilustrar o que pretendo dizer: as duas formas de adjetivos comparativos convivendo lado a lado, dentro da mesma obra, é um exemplo bastante marcante do uso lingüístico misto que Jerônimo fez. No livro do Gênesis, onde vemos maior fidelidade ao clássico, encontramos a forma sintética; já no latim mais cristão do Novo Testamento, encontramos a forma analítica.

Esses exemplos não esgotam todas as possibilidades nem mesmo todas as características do latim vulgar apresentadas na bibliografia consultada, entretanto penso que já servem de parâmetro para efetuar algumas considerações.

Considerações finais

A Vulgata é um texto prolífico em questões para serem analisadas e estudadas profundamente. O simples fato de ser um trabalho de tradução de fôlego já despertaria o interesse de estudiosos. Entretanto, o trabalho de tradução de Jerônimo não é a única coisa que salta aos olhos. Ao final desse trabalho, podemos perceber que o uso lingüístico de Jerônimo tem muito a dizer, seja sobre as políticas da Igreja, seja sobre o homem dentro do contexto histórico que ele era.

Jerônimo era um homem bastante culto e que conhecia muito bem o latim, como fica claro pelo uso lingüístico que ele faz no começo da sua tradução. Evidentemente, quando ele muda o registro, não o faz gratuitamente e pode-se pensar, inclusive, que, como parte do seu projeto de tradução, (traduzindo apenas o sentido, e não literalmente) o uso de uma variedade mais popular faça mais sentido que o uso de qualquer outra.

Fica claro, também, que a Vulgata pode ser considerada um registro escrito permeado por elementos do latim vulgar: mesmo que as escolhas lexicais não demonstrem um vocabulário menos erudito, as construções utilizadas, a ordem das sentenças, o uso de formas analíticas e os demais dados que apresentei corroboram essa hipótese. Se não inscrevermos essa variedade dentro do latim vulgar, pelo menos devemos admitir que as construções se modificam de forma a parecerem mais com a língua mais popular.

Evidentemente, esses dados não esgotam todas as possibilidades e é sabido que a tradução de apenas dois capítulos dentre mais de setenta faz com que o *corpus* dessa análise seja reduzido. Entretanto, se podemos encontrar tais fenômenos dentro de poucos capítulos, seria produtivo que fossem investigados mais, de forma a garimpar mais e melhores dados para essa análise.

A discussão acerca da terminologia das variedades lingüísticas do latim que coexistiam também não está encerrada: mesmo que os trabalhos de filologia possuam vasta tradição, os estudos de sociolingüística ainda possuem muito a contribuir nessa área.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BASSETTO, Bruno F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2006.

ROBINS, R.H., *Pequena história da lingüística*. 6ª impressão. Rio de Janeiro, Ao livro técnico. 2004.

ROBINSON, Douglas. *Western translation theory: from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Publishing, 2002

SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

Anexos

CAPUT 3 Genesis

1 sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae quae fecerat Dominus Deus qui dixit ad mulierem cur praecepit vobis Deus ut non comederetis de omni ligno paradisi

2 cui respondit mulier de fructu lignorum quae sunt in paradiso vescemur

3 de fructu vero ligni quod est in medio paradisi praecepit nobis Deus ne comederemus et ne tangeremus illud ne forte moriamur

4 dixit autem serpens ad mulierem nequaquam morte moriemini

5 scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo aperientur oculi vestri et eritis sicut dii scientes bonum et malum

6 vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum et pulchrum oculis aspectuque delectabile et tulit de fructu illius et comedit deditque viro suo qui comedit

7 et aperti sunt oculi amborum cumque cognovissent esse se nudos consuerunt folia ficus et fecerunt sibi perizomata

8 et cum audissent vocem Domini Dei deambulantis in paradiso ad auram post meridiem abscondit se Adam et uxor eius a facie Domini Dei in medio ligni paradisi

9 vocavitque Dominus Deus Adam et dixit ei ubi es

10 qui ait vocem tuam audivi in paradiso et timui eo quod nudus essem et abscondi me

11 cui dixit quis enim indicavit tibi quod nudus esses nisi quod ex ligno de quo tibi praeceperam ne comederes comedisti.

12 dixitque Adam mulier quam dedisti sociam mihi dedit mihi de ligno et comedi

13 et dixit Dominus Deus ad mulierem quare hoc fecisti quae respondit serpens decepit me et comedi

14 et ait Dominus Deus ad serpentem quia fecisti hoc maledictus es inter omnia animantia et bestias terrae super pectus tuum gradieris et terram comedes cunctis diebus vitae tuae

15 inimicitias ponam inter te et mulierem et semen tuum et semen illius ipsa conteret caput tuum et tu insidiaberis calcaneo eius

16 mulieri quoque dixit multiplicabo aerumnas tuas et conceptus tuos in dolore paries filios et sub viri potestate eris et ipse dominabitur tui

17 *ad Adam vero dixit quia audisti vocem uxoris tuae et comedisti de ligno ex quo praeceperam tibi ne comederes maledicta terra in opere tuo in laboribus comedes eam cunctis diebus vitae tuae*

18 *spinas et tribulos germinabit tibi et comedes herbas terrae*

19 *in sudore vultus tui vesceris pane donec revertaris in terram de qua sumptus es quia pulvis es et in pulverem reverteris*

20 *et vocavit Adam nomen uxoris suae Hava eo quod mater esset cunctorum viventium*

21 *fecit quoque Dominus Deus Adam et uxori eius tunicas pellicias et induit eos*

22 *et ait ecce Adam factus est quasi unus ex nobis sciens bonum et malum nunc ergo ne forte mittat manum suam et sumat etiam de ligno vitae et comedat et vivat in aeternum*

23 *emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis ut operaretur terram de qua sumptus est*

24 *eiecitque Adam et conlocavit ante paradisum voluptatis cherubin et flammeum gladium atque versatilem ad custodiendam viam ligni vitae*

Tradução

Gênesis, capítulo 3

1 Mas a serpente era mais esperta que todas as criaturas da terra que o Senhor Deus tinha feito, aquela que disse para a mulher: “Por que Deus ordenou a vocês para não comerem de todas as árvores do paraíso?”

2 E a mulher respondeu: “Comeremos das frutas das árvores que estão no jardim,

3 Mas da fruta da árvore que está no meio do jardim Deus nos ordenou que nem consumiremos e nem tocaremos nela porque talvez morramos.”

4 A serpente disse então para a mulher “De nenhuma morte vocês morreriam,

5 Mas Deus sabe que em algum dia vocês comeriam dele e seriam abertos os seus olhos e seriam cientes, assim como os deuses, do bem e do mal.”

6 Então a mulher viu que a árvore seria boa para ser comida, e bela aos olhos, e com aparência deliciosa. Então pegou a fruta dela e comeu, e deu para seu homem, que comeu (também).

7 E abriram-se os olhos dos dois. E como se percebessem estando nus, juntaram folhas de figo e fizeram para si cintos.

8 E como ouvisses a voz do Senhor Deus passeando no jardim para a brisa depois do meio dia, Adão escondeu da presença do Senhor Deus a si e à sua esposa na árvore do meio do jardim.

9 E o Senhor Deus chamou Adão e disse a ele: “Onde você está?”

10 “É que”, ele disse, “ouvi a tua voz no jardim e tive medo porque estava nu e me escondi.”

11 Então ele disse: “Quem informou a você que estava nu? A não ser que tenha comido da árvore de que te avisei para não comer.”

12 E disse Adão: “A mulher que você me deu como companheira me deu da árvore e eu comi.”

13 E o Senhor Deus disse para a mulher: “Por que você fez isso?” E ela respondeu “A serpente me enganou e eu comi.”

14 E o Senhor Deus disse para a serpente: “Porque você fez isso, é maldita entre todas as criaturas e animais selvagens da terra. Você vai caminhar em cima do seu peito e comer terra em todos os dias da tua vida.

15 Colocarei inimizade entre você e a mulher, e a tua semente e a semente dela. (Esta) esmagará a tua cabeça e você dará o bote no calcanhar dela.

16 Além disso, disse para a mulher: “Multiplicarei as suas preocupações e você dará à luz aos seus filhos na dor, e sob o poder do homem ficará e ele irá dominar você.”

17 Para Adão, disse então: “Porque você ouviu a voz da tua mulher e comeu da árvore que eu tinha avisado para não comer, a terra (está) maldita por tua causa, cada dia de sua vida tirarás dela o teu sustento pelo teu trabalho.

18 Ela germinará espinhos e plantas espinhentas para você e você irá comer ervas da terra.

19 Você vai comer o pão pelo suor do teu rosto, até que volte a ser a terra da qual surgiu, porque você é pó e em pó você será tornado.”

20 E Adão chamou a sua esposa de Hava, porque era a mãe de todos os que viviam.

21 Então o Senhor Deus fez para Adão e para a mulher dele camisas de pele e os vestiu.

22 E disse “Então Adão foi feito como um de nós, que sabe o que é bom e mal. Agora, que não coloque então a sua mão e pegue também da árvore da vida, e coma, e viva pela eternidade.”

23 O Senhor Deus os fez sair do jardim do prazer para trabalharem na terra da qual surgiram

24 E expulsou Adão. E colocou junto no jardim do prazer um querubim e também uma espada flamejante e móvel para que cuidasse da estrada da árvore da vida.

Capítulo 12 do Evangelho de João

1 Iesus ergo ante sex dies paschae venit Bethaniam ubi fuerat Lazarus, mortuus quem suscitavit Iesus.

2 *Fecerunt autem ei cenam ibi, et Martha ministrabat, Lazarus vero unus erat ex discumbentibus cum eo.*

3 *Maria ergo accepit libram unguenti nardi pistici, pretiosi unxit pedes Iesu et extersit capillis suis pedes eius et domus impleta est ex odore unguenti.*

4 *Dicit ergo unus ex discipulis eius, Iudas Scariotis, qui erat eum traditurus:*

5 *"Quare hoc unguentum non veniit trecentis denariis et datum est egenis?"*

6 *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat et, loculos habens, ea, quae mittebantur, portabat.*

7 *Dixit ergo Iesus: "Sine illam, ut in die sepulturae meae servet illud.*

8 *Pauperes enim semper habetis vobiscum, me autem non semper habetis."*

9 *Cognovit ergo turba multa ex Iudaeis quia illic est, et venerunt non propter Iesum tantum, sed ut Lazarum viderent, quem suscitavit a mortuis.*

10 *Cogitaverunt autem principes sacerdotum ut et Lazarum interficerent,*

11 *quia multi propter illum abibant ex Iudaeis et credebant in Iesum.*

12 *In crastinum autem turba multa, quae venerat ad diem festum, cum audissent quia venit Iesus Hierosolyma,*

13 *acceperunt ramos palmarum et processerunt obviam ei et clamabant: Hosanna! Benedictus, qui venit in nomine Domini, et rex Israel!*

14 *Et invenit Iesus asellum et sedit super eum sicut scriptum est:*

15 *Noli timere, filia Sion.*
Ecce rex tuus venit
sedens super pullum asinae.

16 *Haec non cognoverunt discipuli eius primum, sed quando glorificatus est Iesus, tunc recordati sunt quia haec erant scripta de eo et haec fecerunt ei.*

17 *Testimonium ergo perhibebat turba, quae erat cum eo, quando Lazarum vocavit de monumento et suscitavit eum a mortuis.*

18 *Propterea et obviam venit ei turba, quia audierunt eum fecisse hoc signum.*

19 *Pharisaei ergo dixerunt ad semet ipsos: "Videtis quia nihil proficimus? Ecce mundus totus post eum abiit!"*

20 *Erant autem gentiles quidam ex his, qui ascenderant, ut adorarent in die festo;*

21 *hi ergo accesserunt ad Philippum, qui erat a Bethsaida Galilaeae, et rogabant eum dicentes: "Domine, volumus Iesum videre".*

22 *Venit Philippus et dicit Andreae; Andreas rursus et Philippus dixerunt Iesu.*

23 *Iesus autem respondit eis dicens: "Venit hora, ut clarificetur Filius hominis.*
24 *Amen, amen dico vobis: Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet; si autem mortuum fuerit, multum fructum adfert.*
25 *Qui amat animam suam, perdet eam; et, qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam aeternam custodit eam.*
26 *Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit; si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.*
27 *Nunc anima mea turbata est. Et quid dicam? Pater, salvifica me ex hora hac? Sed propterea veni in horam hanc.*
28 *Pater, clarifica tuum nomen!" Venit ergo vox de caelo: "Et clarificavi et iterum clarificabo."*
29 *Turba ergo, quae stabat et audierat, dicebant tonitruum factum esse; alii dicebant: "Angelus ei locutus est".*
30 *Respondit Iesus et dixit: "Non propter me vox haec venit sed propter vos.*
31 *Nunc iudicium est mundi, nunc princeps huius mundi eicietur foras;*
32 *et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum."*
33 *Hoc autem dicebat significans, qua morte esset moriturus.*
34 *Respondit ei turba: "Nos audivimus ex lege quia Christus manet in aeternum; et quomodo tu dicis: 'Oportet exaltari Filium hominis? Quis est iste Filius hominis?'"*
35 *Dixit ergo eis Iesus: "Adhuc modicum lumen in vobis est. Ambulate dum lucem habetis, ut non tenebrae vos comprehendant; et, qui ambulat in tenebris, nescit quo vadat.*
36 *Dum lucem habetis credite, in lucem, ut filii lucis sitis". Haec locutus est Iesus et abiit et abscondit se ab eis.*
37 *Cum autem tanta signa fecisset coram eis, non credebant in eum,*
38 *ut sermo Esaiiae prophetae impleretur, quem dixit:*
"Domine, quis credidit auditui nostro,
et brachium Domini cui revelatum est?"
39 *Propterea non poterant credere, quia iterum dixit Esaias:*
40 *"Excaecavit oculos eorum*
et induravit eorum cor,
ut non videant oculis
et intellegant corde et convertantur

et sanem eos".

41 Haec dixit Esaias quando vidit gloriam eius et locutus est de eo.

42 Verumtamen et ex principibus multi crediderunt in eum, sed propter Phariseos non confitebantur, ut de synagoga non eicerentur;

43 dilexerunt enim gloriam hominum magis quam gloriam Dei.

44 Iesus autem clamavit et dixit: "Qui credit in me, non credit in me sed in eum, qui misit me;

45 et, qui videt me, videt eum, qui misit me.

46 Ego lux in mundum veni, ut omnis, qui credit in me, in tenebris non maneat.

47 Et si quis audierit verba mea et non custodierit, ego non iudico eum; non enim veni, ut iudicem mundum, sed ut salvificem mundum.

48 Qui spernit me et non accipit verba mea, habet, qui iudicet eum: sermo, quem locutus sum, ille iudicabit eum in novissimo die,

49 quia ego ex me ipso non sum locutus, sed, qui misit me, Pater, ipse mihi mandatum dedit quid dicam et quid loquar.

50 Et scio quia mandatum eius vita aeterna est. Quae ergo ego loquor, sicut dixit mihi Pater, sic loquor".

Tradução do Capítulo 12 do Evangelho de João

1 Então Jesus seis dias antes da Páscoa foi a Betânia onde estivera Lázaro, o morto a quem Jesus acordou. (ressuscitou pode ser um uso cristão da palavra, eu diria).

2 Enquanto isso, prepararam a ele um jantar naquele lugar, e Martha servia, Lázaro era um que estava sentado ao lado dele.

3 Maria então pegou uma medida de perfume de nardo puro, caro, e ungiu os pés de Jesus e enxugou com seus cabelos os pés dele e a casa ficou cheia do cheiro do perfume.

4 Então um dos discípulos dele, Judas Iscariotes, que era quem iria trair, disse:

5 "Porque não vendeu esse perfume por trezentos denários e deu aos que precisam?"

6 Disse isso não porque ele pertencia aos necessitados, mas porque era ladrão, e porque tinha um saquinho onde escondia coisas e o carregava.

7 Então Jesus disse: "Deixa ela, porque isso foi guardado para o dia da minha sepultura

8 pois sempre terão com vocês pobres, mas a mim não terão para sempre".

9 Então uma grande multidão procurou entre os judeus porque (ele) ali estava, e vieram não tanto por causa de Jesus, mas para verem Lázaro, que acordou dentre os mortos.

10 Os chefes dos sacerdotes também pensaram em matar Lázaro
11 porque, por causa daquilo, muitos saíam dentre os judeus e acreditavam em Jesus.
12 Além disso, no dia seguinte muita gente, que veio para o dia da festa, porque tinham ouvido que Jesus tinha vindo de Hierosolyma,
13 pegaram ramos de palmas e avançaram no caminho dele e gritavam: "Hosanna! Bendito, o que vem em nome do Senhor, e o rei (de) Israel!"
14 E Jesus achou um burrinho e sentou em cima dele, assim como estava escrito:
15 "Não tema, filha de Sion
Eis que o teu rei vem
sentado em cima de um filhote de burro."
16 Os discípulos dele primeiro não reconheceram, mas quando Jesus foi adorado, então se recordaram que aquelas eram as coisas escritas sobre ele e os feitos dele.
17 Então a multidão deu testemunho, aqueles que estavam com ele quando chamou Lázaro do túmulo e o acordou dentre os mortos.
18 E a multidão ia no caminho dele porque ouviram que ele tinha realizado aquele sinal.
19 Então os fariseus disseram entre eles mesmos "Vocês vêem porque nada conseguimos? Vejam que todo mundo depois dele vai embora".
20 Estavam também entre eles alguns estrangeiros, que subiram para adorar no dia festivo
21 Estes também foram a Felipe, que estava em Betsaida da Galiléia, e pediam com essas palavras: "Senhor, queremos ver Jesus."
22 Felipe foi e disse a André. André e Felipe foram e contaram a Jesus.
23 Mas Jesus respondeu com essas palavras: "Chega a hora em que serei conhecido como filho do homem."
24 Assim eu digo a vocês: "A não ser que a semente do grão caia na terra e morra, ela permanece sozinha; mas, se morre, traz muito fruto.
25 Quem ama a sua vida, a perde; e quem odeia a sua vida nesse mundo, na vida eterna a mantém salva.
26 Se alguém cuida de mim, me siga por onde eu for, nesse lugar será meu servo; se alguém cuidar de mim, meu pai dará honra a ele.
27 Agora meu espírito se perturbou. E o que direi? Pai, salva a mim desta hora? Mas por essa hora é que eu vim.
28 Pai, torna famoso o seu nome!" Então uma voz veio do céu: "Já o tornei e mais uma vez tornarei."

29 Então a multidão, que estava em pé e ouvira, disse que tinha havido um trovão, e outros diziam: “Ele falou com os anjos”

30 Jesus respondeu e disse: “Essa voz não veio por minha causa, mas por causa de vocês.

31 Agora o tribunal é o mundo, agora o chefe desse mundo será jogado fora.

32 E eu, se eu for elevado da terra, atraio, para mim mesmo, tudo.”

33 Dizia isso significando de que morte morreria.

34 A multidão respondeu: ”Nós ouvimos sobre a lei que Cristo permanece para sempre, e de que modo você diz ‘É necessário que se levante o Filho do homem?’ Quem é este Filho do homem?”

35 Então Jesus disse a eles: “Até agora, uma pequena luz está com vocês. Andem enquanto têm luz, para que as sombras não peguem vocês; e quem anda nas sombras, não sabe onde vai.

36 Enquanto vocês têm luz, acreditem na luz, e serão os filhos da luz” Assim falou Jesus, e foi (embora) e se escondeu deles.

37 Mesmo que fizesse tantos sinais na presença deles, não acreditavam,

38 e (isso) completava o discurso do profeta Isaías, que disse:

“Senhor, quem acreditou em nós ouvindo,

E o braço do Senhor foi revelado a quem?”

39 Por essa razão não podiam acreditar, porque Isaías disse outra vez: “Cegou completamente os olhos deles e endureceu os seus corações, para que não vissem com olhos e entendessem com o coração, e se convertessem, e eu os curasse.”

41 Assim disse Isaías quando viu a glória dele e falou dele.

42 Além disso, desde o princípio muitos creram nele, mas por causa dos fariseus não confessavam, para não serem expulsos da sinagoga,

43 Deram valor para a ambição do homem mais que para o renome de Deus.

44 Entretanto, Jesus gritava e dizia: “Quem acredita em mim, não acredita em mim, mas naquele que me enviou,

45 e quem me vê, vê aquele que me enviou”

46 Eu vim como luz no mundo, para todos que acreditam em mim não permanecessem nas sombras.

47 E se alguém ouvir as minhas palavras e não as observar, eu não o julgo, porque eu não vim (como) juiz do mundo, mas salvador do mundo.

48 Quem me despreza e não toma as minhas palavras, tem quem o julgue: o discurso, a quem falei, ele o julgará no dia mais novo

49 porque eu mesmo sobre mim não falei, mas aquele que me enviou, o Pai, ele mesmo deu a mim aquilo que disse e que falei.

50 E sei porque a vida eterna foi mandada por ele. Logo, aquilo que digo, digo assim como disse o meu Pai.”